

Psicologia do Espaço Mental

Sinopse

A **Psicologia do Espaço Mental** é um desdobramento das pesquisas do psicólogo holandês Lucas Derks a partir de suas descobertas a respeito daquilo que denominou Panorama Neuro Social.

Trata-se de um modelo rápido, efetivo e elegante de explicação, intervenção e reformulação da estrutura da experiência subjetiva humana. Ele permite que um sujeito possa se apropriar, aprender e, portanto, assumir mais controle sobre os seus processos mentais e emocionais, antes experimentados como autônomos e de lento e difícil acesso, conforme acreditavam os primeiros psicólogos e estudiosos da mente humana.

Se lembrarmos da evolução da tecnologia e da engenharia, concluímos que hoje é possível fazer de formas muito mais rápidas, baratas e fáceis quase tudo que nossos antepassados faziam... Essa é a promessa que a Psicologia do Espaço Mental nos traz para lidarmos com a mente, as emoções, os sentimentos e o sofrimento humano.

Contexto

Os artistas, os cientistas e os filósofos parecem ser os líderes que mostram a direção das mudanças em nossa civilização, muito mais do que os líderes religiosos. No presente, incluem-se ainda como mensageiros os psicólogos, os grandes líderes das corporações e os atores, roteiristas e diretores de filmes.

No passado, tal atribuição pertencia aos líderes religiosos que frequentemente guiavam a humanidade em direção a algum tipo de conhecimento, além daquele acumulado no dia a dia, graças à necessidade de sobrevivência. Os religiosos, parte deles constituída também cientistas, artistas e filósofos, guardavam o conhecimento que se acumulava muito lentamente e pouco se transformava.

Entretanto, na atualidade, os líderes religiosos perderam parte de sua função, à medida que a experiência individual foi paulatinamente tornando-se mais e mais valorizada. Seja por serem apenas portadores de um certo tipo de conhecimento menos interessante para a mente atual, ou talvez por suas mitologias estarem desatualizadas e não incorporarem o conhecimento científico atual ou mesmo, quem sabe, porque muitos deles não tem as experiências próprias daquilo que propagam, expressando-se como papagaios.

Diferente dos anteriores, um religioso ou não, que tem experiências próprias vívidas de conexão espiritual, revelação, descoberta, êxtase ou solução de profundos dramas existenciais ou sintomas emocionais, psicológicos ou espirituais, esses facilmente mantêm a condição de condutores de pessoas e comunidades através dos nossos tempos – são aqueles que se transformaram em líderes de comunidades por terem algo de real e experiência vivida para compartilharem que seja útil e compreendida pelos seus seguidores.

Estas pessoas de nosso convívio que possuem algo de significativo para compartilhar com os outros e tem o poder de despertar o interesse genuíno estão em todos os lugares, nos ambientes sociais e profissionais. Muitos deles mobilizam informalmente seguidores dentro das organizações. Quero acreditar que as organizações sejam, na atualidade, os maiores centros de desenvolvimento humano, nos quais as pessoas aprendem, amadurecem, enfrentam desafios, se relacionam e aprendem a conviver, casam, tem filhos, se separam, etc. É também onde elas passam a maior parte de suas vidas conscientes e onde elas expressam, frequentemente, o melhor e o pior de si mesmas, desenvolvendo talentos e refinando habilidades relacionais.

Peter Senge, um dos maiores líderes do conhecimento sobre processos de aprendizagem coletivos em organizações, menciona em seu livro Presença que muitos dos grandes líderes de organizações revelam experiências interiores não muito diferentes daquelas descritas por depoimentos de monges e mestres espirituais. Diante disso cabe questionar se parte dos mais influentes líderes religiosos do mundo atual não seja formada por visionários que atuam em organizações, em torno dos quais as pessoas se reúnem, se desenvolvem, adquirem seu conhecimento e se elevam.

Lembro-me do comentário de um de meus clientes que mencionava que aquilo que eu ensinava sobre tomada de decisão e hierarquização de valores não era muito diferente dos métodos que aprendera na prática religiosa budista. Ele apenas notava diferenças na estrutura mais didática do que eu apresentava. Parece bobagem fazer tal comparação até nos lembrarmos de que não existe nada muito novo na maioria das técnicas comportamentais e de desenvolvimento de competências utilizadas em treinamentos corporativos...

Grande parte delas provem de estudos de psicólogos e filósofos e seus modelos e métodos terapêuticos – são adaptações destes. Algumas destas técnicas, de fato, são facilmente encontradas nos ensinamentos e práticas de muitas tradições espirituais. Curiosamente, vários mestres espirituais investiram parte de seus esforços em usar e ensinar técnicas terapêuticas de grande poder, parte delas incorporadas às práticas de apresentação, desenvolvimento ou treinamento profissional.

Esse é o contexto dentro do qual imagino que a **Psicologia do Espaço Mental** esteja inserida hoje, trazendo para o grande público a possibilidade de tomarmos consciência de uma realidade humana antes experimentada apenas por alguns poucos iluminados, que talvez nem sequer tivessem métodos pedagógicos simples para revelar ou ensinar parte de sua genialidade, devido à ausência de uma consciência coletiva capaz de compreender ou reconhecer tal tipo de percepção e experiência.

Experiência pessoal

Acreditando ser um explorador curioso da realidade subjetiva humana, mais especificamente, dos nossos processos de aprendizagem, tenho buscado ao longo de mais de três décadas soluções para minhas dúvidas e anseios de mudança, sempre em direção ao que eu acredito ser aquilo que chamo de desenvolvimento do potencial humano.

Quero acreditar que seja possível nos elevarmos além da miserável condição de vítimas das circunstâncias e, gradualmente, tenho encontrado evidências de que não estou almejando uma tarefa impossível, um desafio fantasioso ou um beco sem saída.

Começarei compartilhando algo de minha história que possa esclarecer a minha linha de argumentação.

Quando adolescente mudei de escola no oitavo e último ano do ensino fundamental para um colégio tradicional de São Paulo, onde meus primos estudavam, com a finalidade de me adaptar à escola em que cursaria o ensino médio. Esta escola me prometia uma formação muito mais rica que me prepararia para o sucesso na escolha e aprovação em uma boa faculdade.

Durante o período educacional regular eu sempre tive facilidade para lidar com números, formas, lógica e ciências exatas. Lidava bem com a experiência concreta de um modo geral. Portanto fui um ótimo aluno de matemática, física, química, desenho, programação e informática. Minhas dificuldades estavam muito frequentemente nos conhecimentos abstratos sobre a natureza humana, tais como história, geografia, política, língua portuguesa, artes, entre os mais importantes. Naquela época eu não compreendia nem gostava destas disciplinas – decorar os assuntos não era nada motivante para a minha busca de sentido e prazer em aprender.

Pouco antes dessa mudança de escola em busca de melhor formação, eu já tinha aprendido datilografia (o mais parecido com isso na atualidade é a digitação, algo que ninguém mais paga um curso para aprender na atualidade – aprender a usar máquinas de escrever mecânicas ou elétricas).

Quando iniciei o período letivo na nova escola eu me preocupava muito com as demandas do estudo num colégio que era considerado muito mais forte e exigente do que escola pública da qual eu vinha, então me propus a fazer minhas tarefas escolares com dedicação e cuidado desde o início.

Nas aulas de desenho, um dos meus talentos já treinados, eu copiava os enunciados e fazia os exercícios em aula. Em casa, posteriormente, eu datilografava os textos e fazia os desenhos limpos e com cuidado para ter uma pasta que poderia ser confundida com um livro caseiro. Esta pasta, entretanto, ficava somente em casa, na aula eu usava folhas soltas para desenhar.

Num dia de prova de desenho, levei a pasta para a escola. Quando um de meus colegas, excelente aluno de história, geografia e língua portuguesa, viu aquele material, imediatamente me fez uma proposta: “Por quanto você me vende esta pasta?”. Aquilo foi realmente um choque! Tanto para os meus princípios como para mim.

Retruquei imediatamente: “Não faço isso para vender!”. Tentando me persuadir, ele compartilhou que era um mau aluno de desenho e que gostaria de ter um material daquela qualidade e clareza para poder estudar e compreender melhor a matéria, já que mal conseguia copiar as aulas ou entender os conceitos – talvez exatamente como eu nas disciplinas em que ele era aluno nota dez (história, geografia, português). Porém não houve argumento que me convencesse.

Ele insistiu o quanto pode, revelando o quanto eu me apegava às minhas convicções de que aquilo não era um trabalho que podia ou devia ser remunerado, muito menos ser feito para uma outra pessoa. Nunca mais esqueci este episódio – ele ainda permanece em minha lembrança, útil para eu reconhecer quão

preconceituosa fora minha decisão daquela época. Preconceitos contra trabalho em equipe, valorização de meus talentos, dinheiro e poder de compra.

Nas organizações somos convidados a trabalhar em grupos, produzir em equipes, compartilhar conhecimentos... Contudo carregamos memórias mais fortes dos muitos vícios adquiridos e reforçados pelo ambiente competitivo e pouco colaborativo de grande parte da vida escolar.

Naquela ocasião eu tinha como modelo de adultos, predominantemente, pais e parentes funcionários públicos, cujas receitas provinham principalmente de salários. Sabemos que uma parte da carreira pública não tem relação alguma com talento ou produtividade. Há muitos funcionários públicos excelentes e honestos, conforme meus exemplos familiares, porém eles não eram diferenciados daqueles que não produziam, não eram honestos, não eram sérios. Frequentemente, em nosso país, os melhores e mais capazes são subordinados àqueles que usam sua inteligência para obter vantagens egoístas. Então, em minha compreensão, havia um precipício entre produzir algo e ser remunerado por isso!

Bem, essa memória vem e vai, ao longo dos anos em que aprendo a ser empresário, a valorizar meu trabalho, a comercializar meus produtos, a cobrar, a conquistar autonomia e destaque em minha vida profissional. São anos amadurecendo os aprendizados que começaram naquela situação com o colega que simplesmente criara uma oportunidade de ensinar-me algo de sua experiência. Por pertencer a uma família de empreendedores não tinha os mesmos preconceitos e acolhia a possibilidade de tornar a experiência de desenvolvimento compartilhada.

Essas memórias talvez não sejam muito diferentes do longo processo durante o qual nossa ciência vem gradualmente evoluindo e se tornando mais permeável a conhecimentos já explorados no passado da sabedoria humana. Refiro-me a tantas descobertas científicas da atualidade que simplesmente validam as intuições e a sabedoria popular de nossos ancestrais. Eu até diria que muitos conhecimentos populares deram origem à busca e à experimentação científica. Uma longa jornada em que trabalhamos arduamente para montar um quebra-cabeças gigantesco capaz de nos ensinar a viver no mundo atual.

Ao proporem o modelo da **Psicologia do Espaço Mental** (Lucas Derks, que me iniciou neste conhecimento, junto com vários colegas e colaboradores estudiosos dos fenômenos da consciência e da mente humana), estes pesquisadores baseiam-se não somente em conhecimentos científicos anteriores, mas também em uma percepção treinada, o mais livre possível de preconceitos, apropriada para reconhecer cada detalhe da percepção e da realidade subjetiva humanas.

Embora não conheçamos ainda uma forma de estudar a experiência interior sem a própria mente e os filtros que a acompanham, temos nos deparado com descobertas muito úteis e interessantes sobre a dinâmica de nossas representações mentais e emocionais.

Artigo

As pesquisas e descobertas de Sigmund Freud trouxeram uma contribuição muito valiosa para a compreensão da mente humana ao demonstrar que uma parte significativa do comportamento humano tinha origem naquilo que denominou de inconsciente. Isto é, as pessoas não tinham controle absoluto sobre seus pensamentos e comportamentos. Para muitos pacientes, de fato, suas ações eram determinadas independentemente de suas vontades conscientes.

Parte das causas dos dramas humanos, para Freud, tinha origem em experiências pobremente organizadas de suas infâncias. Seus métodos, originalmente baseados nas práticas de Charcot, que retirara a Hipnose do campo das práticas místicas e mágicas, evoluíram para a Psicanálise, método de investigação e tratamento das motivações inconscientes que determinavam comportamentos humanos não funcionais.

De forma bem simplificada, as descobertas de Freud mostravam que a causalidade das interações humanas não era apenas horizontal, isto é, ação e reação simples. As reações humanas podiam ser acionadas por experiências no mundo real, porém eram determinadas pelos significados, emoções e sentimentos guardados de memórias antigas, que eram capazes de gerar reações contrárias àquelas que um sujeito desejaria expressar.

A Psicanálise de Freud, com todas as suas qualidades na época e todas as atualizações que recebeu nas décadas seguintes não foi suficiente para resolver todos os dramas humanos aos quais se propunha. O tempo necessário e o alcance das técnicas possibilitaram a muitos de seus praticantes identificar novos e mais poderosos métodos de transformação humanas. Não obstante, grande parte deles, bebeu desta fonte ocidental que abriu caminho para uma gigantesca área do conhecimento humano, a Psicologia Contemporânea e todas as ciências afins.

Ernest Rossi, matemático, psicobiólogo e hipnoterapeuta ítaloamericano, um dos professores que mais influenciaram meu trabalho, mencionou certa vez em um de seus treinamentos no Brasil, que ele dedicara-se a revisar o conteúdo de um de seus livros (Os Sonhos), no qual apresentara muito dos conhecimentos que aprendera com Carl G. Jung, um dos mais influentes psicanalistas do século XX, ex-colaborador de Freud.

Ao comparar os sete tipos de sonhos (tipos oníricos) que apresentara na primeira edição de seu livro, de acordo com o que aprendera com Jung, com seus registros de trabalho de décadas mais recentes, reconheceu que eles não eram suficientes para explicar seus trabalhos. Concluiu que precisava, na ocasião, de nove classes para representar os sonhos relatados por seus pacientes.

Diante desta destes fatos caberia a pergunta: “Ernest Rossi cometeu um engano em sua forma de raciocinar ou Carl Jung não foi capaz de apreender a riqueza da realidade que explorara antes?”. Bem, a resposta escolhida endossa os trabalhos de ambos... Quem sabe, em apenas 30 anos entre a revelação destas pesquisas, a psique coletiva humana tenha evoluído dois novos estágios de consciência que se mostravam no trabalho mais recente de Rossi.

Quando lemos livros e assistimos filmes que representam o passado mais distante de nossos ancestrais, nem sempre somos capazes de compreender suas realidades, pois as analisamos a partir de nossas experiências atuais.

Joseph Campbell, outro autor de profunda influência em minha forma de compreender nossa condição humana, afirma que aquilo que denominamos de amor, assim como o que concebemos, trata de uma experiência apenas vivida coletivamente a partir dos trovadores da idade média. Antes disso, seu significado baseava-se em experiências de fundo mais biológico do que emocional ou espiritual.

Talvez nossa história não seja capaz de revelar os estágios de consciência pelos quais passamos, desde o barbarismo do passado distante até o barbarismo dos dias atuais, muito mais camuflado e, no entanto, experimentado de forma completamente diversa no estágio de desenvolvimento da consciência atual.

Bem, em minha jornada, em seguida veio a Programação Neurolinguística. Uma dos mais úteis e versáteis modelos de compreensão da mente e da experiência humana da Era da Informação, completamente disponível para leigos. Um dos maiores méritos atribuído à PNL é a sua rapidez em obter resultados de mudança de comportamento e/ou atitudes e à sua aparente simplicidade, possibilitando que uma grande quantidade de pessoas possa se apropriar destes métodos.

As técnicas da PNL são rápidas, elegantes e efetivas frequentemente, possibilitando um aumento significativo de velocidade na obtenção de resultados terapêuticos ou de mudanças de atitude e comportamento. Rapidez maior do que aquela prometida pela Psicanálise.

De acordo com um colega, um das mais valiosas virtudes da PNL é a validação da experiência individual. Isso permite que seus praticantes reduzam ou eliminem a grande carga de culpa que coletivamente carregamos de nossas raízes religiosas, cuja mitologia, na compreensão de Joseph Campbell (da qual compartilho), é uma doutrina do exílio: fomos expulsos do Paraíso e Alguém teve que ser sacrificado para nos redimir.

Em minha percepção a PNL traz, quase que imperceptivelmente, outro tesouro tão valioso quanto a libertação de nossas culpas: a consciência de que nós não somos os nossos pensamentos e emoções. O uso e a prática da PNL parece nos aparelhar com um método sistemático de observação de nossas representações mentais e as reações provocadas por elas na forma de sensações, emoções e sentimentos em nosso corpo.

Quer estejamos visualizando, ouvindo ou mesmo sentindo em nosso mundo interior (experiência subjetiva), somos capazes de reconhecê-la e manipulá-la. Não somos a experiência! Esse distanciamento da realidade nos proporciona mais escolhas e nos mostra que somos algo diferente do que imaginávamos. Embora tal reflexão não seja comum para um praticante de PNL, ainda assim, sem tratar do assunto, todos os praticantes acabam por desenvolver tais estratégias. É como se um gigantesco mundo estivesse esperando por ser descoberto e, quando tomamos consciência dele, iluminamos nossa compreensão de uma nova parte da realidade humana.

Certamente muitas outras práticas religiosas e místicas já tinham demonstrado isso e muito mais, porém, coletivamente, talvez não tivessem alcançado o mesmo público.

Dando mais um passo adiante (ou atrás, levando em conta que parte destas descobertas ocidentais já estavam codificadas em doutrinas místicas e religiosas antigas, porém não disponíveis para o grande público), um dos estudantes de PNL e ciências do comportamento, Bert Hellinger, um habilidoso terapeuta

com uma rica história de vida, propõe um novo modelo de terapia breve que denominou Constelações Familiares (na tradução mais apropriada para a língua portuguesa). Um método rápido, que se popularizou com grande velocidade, capaz de obter mudanças muito significativas numa grande quantidade de pessoas. Sua sabedoria e sua perspicácia transformaram as Constelações numa febre, em parte pela aura mística que pairam sobre seus ensinamentos, pelos métodos algumas vezes dramáticos e pelos resultados obtidos com muitos clientes.

Admite-se que o método das Constelações Familiares seja capaz de ir além do âmbito individual, possibilitando que a intervenção seja capaz de reformular a compreensão do clã familiar do indivíduo e, portanto, as relações entre os membros da família. Baseado nas Leis do Amor identificadas por Ivan Boszormenyi-Nagy, Hellinger desenvolveu um método de intervenção possível de ser colocado em prática diante de grandes grupos de pessoas, envolvendo-as como representantes dos membros das famílias dos seus clientes.

Sem dar muitas explicações sobre o processo através do qual coloca em ação o seu método, Hellinger nos trouxe de volta uma peça chave do quebra-cabeças que nos permite compreender a natureza humana: o indivíduo, no presente, é uma síntese criativa de suas memórias e significados junto com sua história ancestral que pode ter depositado na família uma série de hábitos de comportamento e convicções absorvidas sem questionamento em fases precoces do desenvolvimento.

Assim, parte da efetividade de sua abordagem pode se relacionar com o momento histórico que vivemos no qual a consciência dos vínculos familiares talvez tenha se enfraquecido. O método nos permite higienizar tais vínculos profundos entre membros de uma mesma família. Tudo isso parece, portanto, um passo adiante no que foi proposto pelas abordagens mencionadas anteriormente. De fato, uma parte dos métodos utilizados nas constelações podem ser, às vezes, reconhecidas em algumas técnicas da PNL, porém com objetivos e significados um pouco diferentes.

Retomando nossa reflexão, tudo se passa como se as constelações tivessem alcançado mais uma camada de consciência que antes fora imperceptível.

Ainda dentro da PNL, através do trabalho do holandês Lucas Derks, descortina-se mais uma dimensão de percepção que antes estivera invisível. Lucas Derks foi capaz de reconhecer um universo de percepções mais sutis que as representações mentais outrora desvendadas pela PNL: trata-se da dimensão das representações sociais de cada indivíduo. Através desse método, torna-se possível explicar grande parte da fenomenologia observada nas constelações e possibilita a apropriação dos dois métodos para intervenções individuais sem a necessidade de representantes.

O Panorama Social possui outras vantagens, além de um conjunto refinado, efetivo e completo de técnicas de intervenção nos padrões de pensamento de um indivíduo e é capaz de gerar resultados mensuráveis e duradouros num período de tempo bastante curto.

Tudo se passa como se, a cada nova abordagem, damos um passo a uma consciência mais expandida da realidade, o que nos permite solucionar problemas cada vez mais profunda e rapidamente. Não é raro ouvirmos comentários de clientes de sessões de PNL, Constelações Familiares ou Panorama Social que afirmam que conseguiram resultados mais surpreendentes em uma única sessão ou intervenção do que anos de terapia com métodos mais antigos. Aos poucos os cientistas do comportamento vão paulatinamente desvendando o que é realmente relevante nas técnicas de mudança e transformação humanas.

Bem, a história não acabou...

Além do Panorama Social, a partir das pesquisas de Lucas Derks, seus colegas e colaboradores, mais um passo foi dado nesta última década: a Psicologia do Espaço Mental.

Tal tecnologia nos traz ainda novas descobertas a respeito de como representamos em nossa mente as nossas experiências. Não apenas os pensamentos, não somente as pessoas, mas também tudo aquilo que somos capazes de experimentar como sintomas, emoções e sentimentos. Seja em representações simbólicas ou em percepções vagas de entes que ocupam nossa realidade interior.

A Psicologia do Espaço Mental tangibiliza em percepções as afirmações de xamãs que afirmavam em seus sonhos místicos que cada um de nós vive no centro do mundo, em torno do qual giram miríades de experiências. O que antes eram afirmações abstratas e pareciam ser representadas por uma linguagem indecifrável das pessoas hipersensíveis, gradualmente tornam-se conhecimentos que podem ser experimentados por qualquer pessoa que se disponha a aprender o que existe de mais moderno em termos de técnicas de exploração do universo interior humano. O curioso é que o mais moderno é, ao

mesmo tempo, o mais antigo – a diferença está no fato de ser acessível a qualquer pessoa no presente, e não somente a pessoas consideradas talentosas ou acima do normal.

As pesquisas empreendidas atualmente neste campo prometem um novo e rico repertório de técnicas ainda mais surpreendentes para os próximos anos.

Conclusão

Assim como aquela experiência de ter a possibilidade de vender meus trabalhos de desenho na adolescência transformaram-se numa memória que influenciou grande parte de minhas buscas e minha vida, acredito que numa dimensão coletiva, as sementes do desenvolvimento da mente humana possa já estar plantada imperceptivelmente na nossa vida cotidiana. Vou dar alguns exemplos...

Vários cientistas compartilham suas descobertas a respeito das evidências de que o cérebro e a mente humana são muito mais poderosos do que somos capazes de sequer imaginar. Outros dão pistas de que estamos nos movendo em direção ao reconhecimento das profundas e invisíveis conexões que nos unem enquanto seres humanos, seres vivos, seres sociais.

Validando algumas crenças indígenas de que o sentido da visão humana é o mais ilusório daqueles que conhecemos, por nos dar a impressão que existe espaço vazio entre os indivíduos, penso que a Psicologia do Espaço Mental seja mais um sólido passo refletirmos a respeito da possibilidade de estarmos todos envolvidos num denso mar de representações mentais e emocionais, que aqui podemos chamar de pensamentos de uma forma grosseiramente simplificada.

Se isso tiver algo de real, pode ser que a Psicologia do Espaço Mental, tanto quando o Panorama Neuro Social foi para mim, seja um dos próximos passos que possamos dar coletivamente, nesse estágio, em direção a uma compreensão muito mais rica do momento evolutivo do qual participamos.

Assim, quero acreditar que muito mais do que um simples método elegante e econômico de intervenção terapêutica, a Psicologia do Espaço Mental abre a nossa consciência para mais um degrau da jornada evolutiva de aprendizagem de nossos cérebros e mentes.

Mental Space Psychology

Synopsis

Mental Space Psychology is an offshoot of the Social Panorama research produced by the dutch Social Psychologist Lucas Derks on the mental and emotional patterns of social structures.

This is a powerfull model, effective and elegant of explanation, intervention and remodeling of the structure of human subjective experience. It allows an individual to take ownership, learn and therefore take more control over their mental and emotional processes before experienced as autonomous and slow and difficult to access, as they believed the first psychologists and scholars of the human mind.

If we remember the evolution of technology and engineering, we conclude that it is now possible to change and succeed in much faster ways, cheap and easy of almost everything our ancestors did ... This is the promise that the Mental Space Psychology brings us to deal with the mind, emotions, feelings and human suffering.

Context

Artists, scientists and philosophers seem to be the leaders who show the direction of change in our civilization, much more than the religious leaders. At present, include even as messengers psychologists, great leaders of corporations and actors, writers and filmmakers.

In the past, this task belonged to the religious leaders who often guided mankind towards some kind of knowledge beyond that accumulated on a daily basis, thanks to the need for survival. Religious, some of them also contituida scientists, artists and philosophers, kept the knowledge that accumulated very slowly and little is transformed.

However, in actuality, the religious leaders have lost part of its function, as the individual experience was gradually becoming more and more valued. Is because they only carry a certain type of knowledge less interesting to the current mind, or perhaps their mythologies are outdated and do not incorporate the current scientific knowledge or even, perhaps, because many of them do not have their own experiences of what they propagate, expressing as parrots.

Unlike previous, religious or not, who has vivid own experiences of spiritual connection, revelation, discovery, ecstasy or deep existential dramas solution or emotional, psychological or spiritual symptoms, these easily maintains the condition of people and communities through the conductors our times - are those that have become community leaders for having something real and lived experience to share that is useful and understood by his followers.

These people from our midst who have something significant to share with others and has the power to awaken the genuine interest are everywhere, in social and professional settings. Many of them informally mobilize followers within organizations. I want to believe that organizations are, at present, the highest human development centers, where people learn, mature, face challenges, relate and learn to live with, marry, have children, separate, etc. It is also where they spend most of their conscious lives and where they express often the best and the worst of themselves, developing talent and refining relational skills.

Peter Senge, one of the greatest leaders the knowledge of collective learning processes in organizations, mentions in his book that many Presence of the great leaders of organizations reveal inner experiences not unlike those described by statements of monks and spiritual teachers. Therefore one must question whether part of the most influential religious leaders of today's world is not made up of visionaries who work in organizations, around which people gather, develop, acquire their knowledge and increase.

I remember the comment of one of my clients mentioned that what I taught about decision making and prioritization of values was not very different from the methods he had learned in the Buddhist religious practice. He only noticed differences in the structure more didactic than I had. It seems silly to make such a comparison until we remember that there is nothing very new in most behavioral techniques and the development of skills used in corporate training ...

Much of it comes from psychologists and philosophers studies, patterns and therapeutic methods - these are adaptations. Some of these techniques, in fact, are easily found in the teachings and practices of many spiritual traditions. Interestingly, many spiritual masters invested part of its efforts to use and teach therapeutic techniques of great power, of them incorporated into the presentation of practices, development or professional training.

This is the context within which I imagine the Psychology of Mental Space is inserted today, bringing to the public grando the possibility of becoming aware of a human relidade before experienced only by some

enlightened few who may not even have simple teaching methods to reveal or teach part of his genius, in the absence of a collective consciousness understand or recognize such kind of perception and experience.

personal experience

Believing it to be a curious explorer of human subjective reality, more specifically, of our learning processes, I have sought over more than three decades solutions to my questions and changing desires, always towards what I believe to be what I call development human potential.

I want to believe that you can elevate ourselves beyond the miserable condition of victims of circumstances and gradually have found evidence that I am not craving an impossible task, a fantasy challenge or a dead end.

I will begin sharing something of my story can clarify my line of argument.

As a teenager I changed school in the eighth and final year of primary school to a traditional school in São Paulo, where my cousins studied, in order to adapt myself to school where cursaria high school. This school promised me a much richer training that would prepare me for success in the selection and approval into a good college.

During the regular educational period I was always easy to deal with numbers, shapes, logic and exact sciences. He dealt well with the concrete experience in general. So I was a great student of mathematics, physics, chemistry, design, programming and computer. My difficulties were too often in the abstract knowledge of human nature, such as history, geography, politics, Portuguese, arts, among the most important. At that time I did not understand or like these disciplines - decorate the issue was not motivating for my search for meaning and enjoyment in learning.

Just before this change of school in search of better training, I had already learned typing (the closest thing to it today is typing, something no one else pays a course to learn today - learn to use typewriters mechanical or electrical).

When I started the school year at the new school I worried too much about the demands of study in a school that was considered much stronger and demanding than public school where I came from, so I set out to do my school work with dedication and care from the begin.

In drawing classes, one of my talents already trained, I copied statements and performing the exercises in class. At home later, I typed the text and made them clean designs and carefully to be a folder that could be mistaken for a homemade book. This folder, however, was only at home, at school I used single sheets to draw.

A drawing test day, I took the folder to school. When one of my colleagues, excellent student of history, geography and Portuguese, saw the material, immediately made me an offer, "How you sell me this folder?". That was a real shock! So much for my principles and myself.

I replied immediately: "Do not do this to sell." Trying to persuade me, he shared that it was a bad design student and would like to have a material of that quality and clarity to be able to study and better understand the matter, since hardly copy classes or understand the concepts - perhaps just like me in subjects in which he was a student scored top marks (history, geography, Portuguese). But there was no argument to convince me.

He insisted how much can, revealing how much I clung me to my convictions that this was not a job that could or should be paid, let alone be made to another person. I never forgot this episode - it still remains in my memory, useful for me to recognize how biased out my decision at that time. Prejudices against teamwork, appreciation of my talents, money and purchasing power.

In organizations are invited to work in groups, produce in teams, sharing knowledge ... However carry strongest memories of the many vices acquired and reinforced by the competitive environment and unable to cooperate large part of school life.

At that time I had the adult model, predominantly, parents and relatives civil servants, whose revenues were mainly wages. We know that part of the public career has nothing to do with talent or productivity. There are many excellent and honest civil servants, as my familiar examples, but they were not differentiated from those that did not produce, were not honest, were not serious. Often, in our country, the best and most capable are subordinate to those who use their intelligence for selfish advantage. So, in my understanding, there was a cliff between producing something and be paid for it!

Well, this memory comes and goes over the years that I learn to be an entrepreneur, to value my work to market my products, to be charged to win autonomy and highlight in my professional life. Years are maturing lessons learned that began in that situation with the colleague who simply created an opportunity to teach me some of her experience. To belong to a family of entrepreneurs did not have the same prejudices and welcomed the opportunity to make the shared development experience.

These memories may not be very different from the long process during which our science is gradually evolving and becoming more permeable to knowledge already explored in the past of human wisdom. I mean so many scientific discoveries that nowadays simply validate the insights and the popular wisdom of our ancestors. I would even say that many popular knowledge led to the search and scientific experimentation. A long journey in which we work hard to put together a giant jigsaw puzzle able to teach us to live in today's world.

To propose the model of Psychology Mental Space (Lucas Derks, who started me on this knowledge, along with several colleagues and scholars employees of the phenomena of consciousness and the human mind), these researchers are based not only on relevant scientific knowledge, but also in a trained perception, as free as possible from bias, appropriate to recognize every detail of perception and human subjective reality.

Although not yet know a way to study the inner experience without the mind itself and the filters that accompany it, we have confronted very useful and interesting insights into the dynamics of our mental and emotional representations.

article

Research and Sigmund Freud discovered brought a very valuable contribution to the understanding of the human mind to demonstrate that a significant part of human behavior arose from what he called unconscious. That is, people did not have absolute control over their thoughts and behaviors. For many patients, in fact, his actions were determined independently of their conscious will.

Part of the causes of human suffering, for Freud, had origin in poorly organized their childhood experiences. His methods, originally based on Charcot practices, he had taken the Hypnosis field of the mystical and magical practices, evolved into psychoanalysis, research method and treatment of unconscious motivations that determined non-functional human behavior.

Quite simply, the findings of Freud showed that the causality of human interaction was not only horizontal, that is, action and simple reaction. Human reactions could be triggered by experiences in the real world, but were determined by the meanings, stored emotions and feelings of old memories, which could generate reactions contrary to those that an individual wishes to express.

Psychoanalysis Freud, with all its qualities at the time and all the updates received in the following decades was not enough to solve all human dramas to which it proposed. The time required and the scope of techniques enabled many of its practitioners identify new and more powerful human processing methods. Nevertheless, most of them, drank this western source that paved the way for a gigantic area of human knowledge, Contemporary Psychology and all related sciences.

Ernest Rossi, mathematician, and psychobiologist ItaloAmericano hypnotherapist, one of the teachers who most influenced my work, once mentioned in one of his training in Brazil, he devoted himself to review the contents of one of his books (The Dream), in which introduced much of the knowledge he learned from Carl G. Jung, one of the most influential psychoanalysts of the twentieth century, a former colleague of Freud.

By comparing the seven types of dreams (dream-types) that introduced the first edition of his book, according to what he had learned with Jung, with his most recent decades of work records, acknowledged that they were not sufficient to explain their work. Concluded he needed at the time of nine classes to represent the dreams reported by their patients.

Before this these facts fit the question, "Ernest Rossi made a mistake in your way of thinking or Carl Jung was not able to grasp the richness of reality that explored before?". Well, the answer chosen endorse the work of both ... Who knows, in 30 years between the revelation of this research, the collective human psyche has evolved two new stages of consciousness that showed the latest work of Rossi.

When we read books and watch movies that are the most distant past of our ancestors, we are not always able to understand their reality, because we look from our current experiences.

Joseph Campbell, author of other profound influence on my way of understanding our human condition, claims that what we call love, and what we conceive, is an experience only lived collectively from the

middle ages troubadours. Before that, its meaning was based on more biological background experiences of emotional or spiritual.

Perhaps our history is not able to reveal the stages of consciousness through which we pass from the barbarism of the distant past to the barbarism of today, more and camouflaged, however, experienced a completely different way in the development stage of the current consciousness.

Well, in my day, then came NLP. One of the most useful and versatile models of understanding the human mind and experience of the Information Age, completely available to laymen. One of the greatest merits attributed to NLP is its speed in obtaining results change behavior and / or attitudes and their apparent simplicity, allowing a lot of people can take ownership of these methods.

The NLP techniques are fast, elegant and often effective, enabling a significant increase in speed in obtaining therapeutic results or changes in attitude and behavior. Speed greater than that promised by psychoanalysis.

According to a colleague, one of the most valuable virtues of NLP is the validation of individual experience. This allows its practitioners reduce or eliminate the great burden of guilt that collectively carry our religious roots, the mythology, the understanding of Joseph Campbell (which I share), is a doctrine of exile: we were driven out of Paradise and someone had to be sacrificed to redeem us.

In my perception NLP brings, almost imperceptibly, another treasure as valuable as the release of our faults: the awareness that we are not our thoughts and emotions. The use and practice of NLP seems to equip us with a systematic method of observation of our mental representations and reactions caused by them in the form of sensations, emotions and feelings in our body.

Whether we are viewing, listening or even sentindos in our inner world (subjective experience), we are able to recognize it and manipulate it. We are not the experience! This detachment from reality gives us more choices and shows us that we are something different than we imagined. Although this thought is not common for an NLP practitioner, yet without dealing with the matter, all practitioners end up developing such strategies. It's like a gigantic world was waiting to be discovered and, when we take his consciousness, illuminate our understanding of a new part of human reality.

Certainly many other religious and mystical practices had shown that and more, but collectively, might not have reached the same audience.

Taking another step ahead (or behind, taking into account that part of Western discoveries were already encoded in ancient mystical and religious doctrines, but not available to the general public), one of NLP students and behavioral sciences, Bert Hellinger, one skilled therapist with a rich history of life, proposes a new brief therapy model called Constellations Familiares (in the most appropriate translation into Portuguese). A quick method, which was popularized with great speed, able to get very significant changes in a lot of people. His wisdom and insight turned Constellations a fever, in part by the mystical aura hanging over his teachings, by the methods sometimes dramatic and the results obtained with many customers.

It is recognized that the method of Family Constellations is able to go beyond the individual, allowing the intervention to be able to reshape the understanding of the family clan of the individual and, therefore, relations between family members. Based on the Laws of Love identified by Ivan Boszormenyi-Nagy, Hellinger developed a possible intervention method to be put in place before large groups of people, involving them as representatives of the members of its customers' families.

Without giving many explanations about the process through which puts into action its method, Hellinger brought us back a key piece of the puzzle that allows us to understand human nature: the individual, at present, is a creative synthesis of memories and meanings along with their ancestral history that can be deposited in the family a series of behavioral habits and beliefs absorbed without questioning precosses stages of development.

So part of the effectiveness of their approach can relate to the historical moment we live in which awareness of family ties may have weakened. The method allows us to sanitize such deep ties between members of the same family. All this seems, therefore, a step forward in what was proposed by the approaches mentioned above. In fact, some of the methods used in the constellations can be sometimes recognized in some NLP techniques, but with goals and meanings differ slightly.

Returning to our reflection, it is as if the constellations had reached another layer of consciousness that had once been noticeable.

Still within the NLP, through the work of the Dutch Lucas Derks, reveals one more dimension of perception that had been invisible before. Lucas Derks was able to recognize a universe of more subtle perceptions that mental representations once brought to life by NLP: it is the dimension of social representations of each individual. Through this method, it becomes possible to explain much of the phenomenology observed in the constellations and enables ownership of two methods to individual interventions without representatives.

The Social Panorama has other advantages, as well as a refined, effective and complete set of intervention techniques in the thought patterns of an individual and is able to generate measurable and lasting results in a very short period of time.

It is as if every new approach we take a step to a more expanded awareness of reality, allowing us to troubleshoot deepening and quickly. It is not uncommon to hear comments from customers NLP sessions, Family Constellations or Social Panorama that claim to have amazing results in a single session or intervention than years of therapy with older methods. Gradually behavioral scientists will gradually uncovering what is really relevant in human change and transformation techniques.

Well, the story is not over ...

In addition to the Social Panorama, from Lucas Derks research, colleagues and collaborators, another step was taken in the last decade: the Psychology of Mental Space.

Such technology brings even new discoveries about how we represent in our mind our experiences. Not just thoughts, not only people, but also all that we are able to experience like symptoms, emotions and feelings. Be in symbolic representations or loved perceptions of places that occupy our inner reality.

The Psychology of Mental Space tangibiliza perceptions in the statements of shamans who said in his mystical dreams that each of us lives in the center of the world, around which revolve experiences of myriads. What were abstract statements and appeared to be represented by an indecipherable language of hypersensitive people gradually become knowledge that can be experienced by anyone who is willing to learn what is most modern in terms of exploration of the interior universe techniques human. Interestingly, the latest is at the same time, the oldest - the difference is to be accessible to anyone in this, not just the people considered talented or above normal.

The research currently carried out in this field promise a new and rich repertoire of even more amazing techniques for years to come.

conclusion

As the experience of having the ability to sell my design work in adolescence became a memory that influenced much of my searches and my life, I believe that a collective dimension, the seeds of the development of the human mind can already be planted imperceptibly in our everyday life. I will give some examples ...

Several scientists share their discoveries concerning the evidence that the brain and the human mind are much more powerful than we can even imagine. Others give clues that we are moving towards recognition of the deep and invisible connections that bind us together as human being, living beings, social beings.

Validating some indigenous belief that the meaning of human vision is the most elusive of those who know, for giving us the impression that there is empty space between individuals, I think the Psychology of Mental Space is another solid step we reflect on the possibility of we are all involved in a dense sea mental and emotional representations that here we call thoughts of a grossly simplified form.

If this is something real, maybe the Psychology of Mental Space, both when the Social Panorama Neuro was for me, is one of the next steps that we can collectively at this stage towards a much richer understanding of the evolutionary moment in which we participate.

Thus, I believe that much more than a simple elegant and economical method of therapeutic intervention, the Psychology of Mental Space opens our consciência to another rung of the evolutionary journey of learning our brains and minds.